

# DO CORPO-MOTOR AO CORPO-INFORMAÇÃO: CORPOREIDADE E TRABALHO NO CAPITALISMO\*

CARLOS HEROLD JUNIOR

Professor adjunto do Departamento de Pedagogia da Universidade Estadual do Centro-Oeste  
(Unicentro) – Guarapuava  
E-mail: carlosherold@hotmail.com

## RESUMO

*O objetivo deste estudo é endossar a importância de investigar as relações entre corpo e trabalho. Tendo por base a constatação de que as correntes formas de entender essa relação se dão ao colocar dicotomicamente corpo e inteligência, optamos por abordar a questão em três momentos: 1) no final do século XIX e início do XX; 2) nas décadas de 1950, 1960, 1970 e 3) a partir de 1970 até os dias atuais. Como resultado, verificamos que há a passagem do corpo visto como motor e/ou energia para o corpo visto como informação e/ou inteligência. Interessante verificar também que nesse trajeto a dicotomia entre corpo e inteligência acaba por ser questionada por alguns teóricos que vêem no corpo trabalhador a base para os processos decisórios requisitados em montagens microeletrônicas. Apesar da importância desses estudos, refutamos algumas conclusões desses autores, que ao questionarem a dicotomia corpo e inteligência dão margens para pensar que nas configurações produtivas do capitalismo começaria a surgir o espaço para um trabalho corporalmente humano e autêntico.*

*PALAVRAS-CHAVE: Corpo; trabalho; inteligência; capitalismo.*

---

\* Pesquisa realizada com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

## INTRODUÇÃO

Ao considerar a certa presença das discussões sobre o corpo na atualidade, objetivamos buscar um entendimento mais amplo da temática, direcionando o foco analítico para a questão das relações entre a corporeidade e as mudanças no mundo do trabalho. Sendo corrente encontrarmos pesquisadores interessados em discutir a corporeidade, de um lado, e em discutir o mundo do trabalho, de outro, é raro encontrarmos obras que versem sobre a corporeidade e suas relações com esse mundo, sobretudo, à luz das transformações do processo do trabalho encetadas pelo capitalismo a partir da década de 1970. Afirma Eagleton (1998): “Se o corpo libidinoso está *in*, o corpo laborioso está *out*” (p. 74). Lee (1999) também chama atenção para o mesmo fato dizendo: “[...] talvez um dos mais desconcertantes aspectos dessa obsessão com o corpo, é a não atenção ao corpo no trabalho” (p. 208)<sup>1</sup>. McNally (2001) observa que uma das idéias de grande eco na atualidade é a crença no “fim do trabalho”, no “fim da história” e no “fim na economia política do corpo”<sup>2</sup>. Por elas mesmas, essas idéias já nos ajudam a explicar o fato de a temática “o corpo no e pelo trabalho” ser relativamente posta de lado.

O ponto de partida deste estudo é a consideração de que no decorrer da história social do trabalho foi construída uma clivagem entre *trabalho manual* e *trabalho intelectual* ou mental, mediados tanto pela divisão do trabalho no interior dos ambientes produtivos quanto pela divisão social do trabalho. Essa clivagem, historicamente, não permaneceu estática, uma vez que flutua entre os dois pólos de acordo com os embates políticos, aliados ao processo social de incorporação tecnológica na produção. De forma corrente, as análises sobre o corpo e também as do trabalho sublinham em suas análises ou o caráter de *trabalho manual*, fisicamente extenuante e eivado de movimentos repetitivos, ou, ao contrário, o caráter de *trabalho intelectual* que dispensaria a dimensão corporal do ser humano, considerando-a como um mero suporte da intelectualidade.

Olhando essa divisão mais detidamente, perceberemos ser ela a base conceitual que impede que a análise do corpo no mundo do trabalho seja assumida como objeto de investigação na atualidade. Neste estudo, procuraremos desenvolver uma investigação que contemple as flutuações da dicotomia entre *trabalho intelectual* e *trabalho manual*, em três momentos da história do capitalismo: 1) final do século

- 
1. Todas as citações de obras escritas em língua estrangeira foram livremente traduzidas.
  2. Baudrillard (1999), por exemplo, diz: “O que se torna o Real, o que se torna o corpo quando eles foram substituídos pela sua fórmula operacional? O que se torna o sexo, o trabalho, o tempo e todas as outras figuras da alteridade, quando elas caem sob o golpe da síntese tecnológica?” (p. 57).

XIX e as primeiras décadas do século XX; 2) nas décadas de 1950, 1960 e 1970 e, com maior ênfase, 3) a partir da década de 1970. Esse caminho justifica-se por permitir sustentar que, ao contrário do que é normalmente aceito, as transformações produtivas ocorridas a partir da década de 1970 endossam a relevância do estudo do corpo para os processos de trabalho e desses processos para os estudos culturais sobre o corpo.

## TRABALHO E CAPITALISMO INDUSTRIAL: O CORPO VISTO COMO MOTOR

A análise dos debates sobre a questão do trabalho no século XIX evidencia que o corpo era tido como objeto central das reflexões sobre os limites e as possibilidades da sociedade industrial. Há essa centralidade corporal nos processos industriais que, ao encararem o corpo como fonte e meio de gasto energético, promoveram uma visão extremamente coadunada com os debates científicos da época. Podemos conceber o desenvolvimento da indústria tendo como anteparo analítico as formas com as quais o corpo humano era entendido. O mesmo acontece com o corpo, cujas diferentes imagens foram altamente influenciadas pelo processo de incremento das forças produtivas.

No estabelecimento da relação entre o desenvolvimento das práticas produtivas industriais, a ciência e o corpo, os desenvolvimentos científicos estavam conectados com questões de caráter político e ideológico da sociedade capitalista do final do século XIX e início do XX. Os resultados das pesquisas feitas na física e na fisiologia estavam presentes em várias dimensões da sociedade. O objetivo era encontrar a fórmula exata para lidar com o corpo, conseguindo, ao mesmo tempo, explorar suas forças sem destruí-las.

A idéia de trabalho, como racional e moral, vinha como um componente de extrema relevância. Era pelo trabalho que o medo de desagregação social, pelo excesso ou falta de uso corporal, poderia ser combatido, dando condições para que a sociedade se desenvolvesse. Foi a partir da mudança na maneira de considerar o trabalho, mediada pelas transformações da sociedade no século XIX, que ocorreu, no final daquele século, o surgimento de um grande aparato científico que objetivou investigar a forma como a *energia* (conceito-chave) deveria ser aplicada no interior do trabalho e, conseqüentemente, em toda sociedade. O que estava em jogo era a “questão do trabalho”: a viabilização do trabalho, a produção material da sociedade, enfim, o capitalismo de uma forma geral, proporcionavam as condições com as quais os homens encaravam os fenômenos físicos e fisiológicos, influenciando em seus conceitos e procedimentos científicos. Ao verificar que o corpo e o trabalho estavam intimamente relacionados, Rabinbach (1992) defende que a *Fadiga* “[...]”

se tornou o conceito e o meio pelo qual o corpo industrial foi mais bem entendido e empregado” (p. 23).

No interior desse fervilhar científico, filosófico e social (o incremento produtivo do capitalismo bem como suas crises), Rabinbach (1992) mostra o termo *motor humano* como uma metáfora que colocava o corpo trabalhador como o centro das investigações científicas, morais, filosóficas e políticas. A força heurística do *motor humano* advinha do fato de que ele proporcionava a quem estudasse o mundo do trabalho as ferramentas básicas para resolver os problemas com a mão-de-obra. Os conceitos *força de trabalho* e *motor humano*, assim, vêm como possibilidades de redefinirem não somente o ser humano e sua sociedade, mas o próprio universo nos termos advindos do mundo do trabalho. Essa imagem não escondia o otimismo que, apesar dos problemas oriundos das próprias possibilidades produtivas, era explícito se levados em conta os próprios termos com que a problemática era elaborada. Rabinbach (1992), ao tentar focalizar esse processo de forma mais específica, vê nos estudos de Helmholtz uma das bases. Helmholtz foi o responsável direto pela idéia que concebe equivalências entre o funcionamento do universo e o funcionamento do trabalho na sociedade. A importância dessas idéias, que ligaram a natureza e o trabalho, também se dá pelo fato de Helmholtz ter conseguido “purificar” o trabalho humano de qualquer questão relativa à inteligência e à perícia do trabalhador. Como observa Rabinbach (1992): “Para Helmholtz o valor do trabalho humano fora determinado mais pela força gasta que pela habilidade envolvida, o que era um produto das contingências” (p. 59).

Vatin (1999) também explora a maneira como o ambiente científico do século XIX e século XX influencia e é influenciado pelas questões econômicas e pelo desenvolvimento da literatura econômica produzida no momento. Ele observa que o relacionamento entre as ciências econômicas e as ciências físicas é complexo e o explica afirmando que “[...] a inspiração encontrada pelas ciências econômicas e sociais na termodinâmica tem por fonte aquilo que a termodinâmica encontrou no pensamento sócio-econômico” (p. 29). À semelhança dos conceitos termodinâmicos, também a física passa a ser vista pelo viés do trabalho: “De um canto a outro, [...] a história da física aparece impregnada de considerações econômicas e sociais. O conceito de energia saiu do conceito de trabalho e este remete primeiramente ao trabalho humano ao mesmo tempo gasto primitivo (do sofrimento humano) e fonte de todo produto (utilidade)” (p. 31).

Vatin (1999), ao analisar o surgimento e o desenvolvimento das ciências sobre o trabalho, segue o mesmo caminho que Rabinbach (1992), pois nota que o desenvolvimento científico do século XIX e XX possibilitou que os problemas trabalhistas, o desenvolvimento produtivo e os conflitos entre classes fossem vistos pelos argumentos da ciência e não do direito, da moral ou da política.

A intenção era a de racionalizar o corpo trabalhador. Era proporcionar a medida, o ponto para o controle, o limite a ser alcançado, mas não ultrapassado pelo conjunto produtivo da sociedade. Isso se configurava uma conquista, haja vista o esforço a ser feito para formar o trabalhador nas rotinas trabalhistas da grande indústria, encaradas como estranhas à herança cultural do trabalho que vinha dos tempos pré-industriais.

A forma como esse ideal se propagou no interior da sociedade industrial é tão intensa que concomitante aos desenvolvimentos científicos dos mais variados profissionais que tinham alguma relação com a questão trabalhista surgia uma utopia, um sonho a ser alcançado e que faria a sociedade viver totalmente livre dos males que a afligiam naquele momento: “Atrás dos tratados científicos e filosóficos estava o sonho das classes médias do final do século XIX – um corpo sem fadiga” (RABINBACH, 1992, p. 44).

Não se tratava mais de inculcar máximas moralistas sobre as virtudes do trabalho. Na realidade “a fisiologia da força de trabalho ofereceu uma abordagem neutra do conflito social...” (idem, ibidem, p. 122). O padrão sobre os limites do trabalhador vinha agora da *fadiga*, passível de ser cientificamente controlada. Nesse momento, o ritmo do trabalho industrial era o que ditava a carga de trabalho mais adequada para o desenvolvimento das forças humanas. Esse foi o parâmetro a ser seguido e que acabou possibilitando o *quantum* necessário de trabalho a ser extraído dos trabalhadores.

Ao buscar o caráter social e político das investigações científicas em torno do trabalho, não é possível concluir que as prescrições dessas ciências eram seguidas de forma tranqüila, sem debate ou fortes controvérsias. O que era indiscutível era que a ciência oferecia um meio de amenizar os conflitos entre capital e trabalho, mostrando que a luta de classes poderia deixar de acontecer caso fossem seguidos os preceitos e as descobertas que se foram acumulando a partir do final do século XIX e no início do século XX.

São nessas bases que algumas críticas a Taylor foram elaboradas. Elas eram dirigidas à sua abordagem, vista como excessivamente despreocupada com o corpo operário, o que ocasionava um desperdício intenso de mão-de-obra em nome de uma lucratividade momentânea. Em contrapartida, a eclosão da primeira grande guerra do século XX evidenciou que a exploração máxima da capacidade de trabalho corporal humana poderia ser mais “compatível” ou “suportável” pela constituição humana, se fossem providenciados meios eficazes de “administrar” os soldados.

Isso não impede Vatin (1999) de ver as práticas tayloristas e, sobretudo, suas justificativas como um forte anacronismo em relação ao desenvolvimento científico sobre o mundo do trabalho, na época. Entretanto, Jorda (1999) estuda a obra de

Taylor vendo a semelhança entre o criador da *administração científica* e os postulados iluministas, nos quais o conhecimento é o que guia a prática, sendo esse reconhecimento tido como fundamental para a solução dos problemas enfrentados pelas rotinas de trabalho. Taylor, com seus procedimentos que primavam pela aceleração dos movimentos corporais baseados na medição do tempo, deveria ser classificado, diz Jorda (1999), como um organizador do trabalho típico do *homem-máquina* e não como seus contemporâneos que pensavam o trabalhador como *homem-órgão*.

O que une as sistematizações de Taylor e as nascentes *Ciências do trabalho* da Europa, todas influenciadas e embasadas pelas idéias de Helmholtz, é a importância que elas acordam para o corpo trabalhador. É uma visão “científica” do mecanismo de transformação de energia que acontece em cada célula e ao mesmo tempo em todo o universo, fazendo com que nos processos de instalação e consolidação da indústria o corpo fosse visto como base técnica e, também, sociopolítica do trabalho.

Além disso, a equalização entre corpo humano, natureza e universo não é total ou sem restrições. O que especifica homens e mulheres é o fato de seus trabalhos possuírem uma forma mais variada e sujeita a influências que alteram os seus rendimentos. Entre os próprios trabalhadores, não há diferenças. O conceito de energia equaciona os trabalhos dos mais variados tipos, sendo totalmente indiferente às suas aplicações. O corpo, então, era visto como uma *máquina termodinâmica*.

Essa visão do corpo como algo estável, inclusive em seu relacionamento com a sociedade, sujeito a total compreensão pelas leis da natureza, fora abalada por Nietzsche e Freud. Para Seltzer (1992), é o choque entre as exigências da máquina e os desejos do corpo que faz a base das angústias da sociedade no início do século XX. Uma consequência desse vasto processo social é a idéia de associação de trabalho com o corpo, ou a “[...] noção familiar de trabalhadores como mãos. Tal tendência em direção a uma corporeidade literalizante governa o entendimento geral da organização industrial sobre o modelo de corpo orgânico” (1992, p. 130-131). Entretanto, com o incremento das transformações, com o desenvolvimento da tecnologia industrial e o aumento produtivo, o ideal termodinâmico invade toda a sociedade para transformar-se, então, na baliza discursiva que orientava não só os debates técnicos, mas também os de caráter político e ideológico.

## CORPO, TRABALHO E INTELIGÊNCIA: A PASSAGEM DO CORPO-MOTOR PARA O CORPO-INFORMAÇÃO

Essa centralidade do corpo nos processos de trabalho é abalada efetivamente somente na medida em que a sociedade e a economia vão adquirindo novas configurações. Assumindo um ritmo realmente intenso após a década de 1970, é

a partir da década de 1950 que transformações sociais e mudanças qualitativas nas áreas científicas e tecnológicas fazem com que novos entendimentos sobre a relação entre corpo e trabalho tenham algumas das condições para serem construídos. Um dos resultados mais proeminentes desse processo é a importância que as ciências que lidam com o manuseio e a produção da informação alcançaram. *Cibernética, computação, inteligência artificial* tornam-se áreas do conhecimento a partir das quais grandes transformações nos hábitos e nas concepções de ser humano, corpo e inteligência foram algumas das conseqüências mais visíveis.

A partir da década de 1930 começa haver uma mudança na forma taylorista de enfatizar o corpo como o principal ponto de disciplina com o surgimento de estudos e preocupações com a questão do *trabalho mental*. Essa mudança pode ser vista no surgimento da *psicologia industrial* e na influência que as obras de Maslow (1987) e Herzberg (1993) tiveram. Com isso, começa a crescer a tendência de ignorar o estudo do corpo, tal qual era feito pelas ciências do trabalho no seu início. Depois da *Segunda Guerra*, a antiga preocupação com os estudos sobre fadiga foi cedendo espaço para os estudos sobre o *processamento da informação, trabalho cognitivo, processamento de informação e ruído*. Ou seja, a preocupação com o corpo, ou com o *motor humano*, foi ofuscada pelo “novo instrumento de trabalho – a mente” (MANOVICH, 1993, s.p.). Na realidade, a solução de problemas, a percepção, a atenção e a memória tornam-se focos das ciências cognitivas que amparam o trabalho, da mesma forma que a física e a fisiologia o sustentaram na época de Taylor e Marey.

As organizações começaram o intenso processo de absorção dos modelos de controle vindos da cibernética. Esses modelos tratavam o cérebro de maneira que o isolassem do corpo, o que, em suma, não diferia das ambições de Taylor e de Ford. O que diferencia os novos encaminhamentos é a centralidade da inteligência e a idéia de acoplamento, de mistura, de interpenetração entre cérebro e máquina.

No interior desse grande processo, verifica-se a transformação na forma como o corpo humano é analisado quando o assunto é o trabalho. Há uma passagem do corpo como ponto principal para as operações intelectuais que lidam com informação, que começam a assumir o centro das preocupações daqueles que buscam maximizar os processos produtivos. O “novo homem” a ser buscado no interior das reflexões sobre o trabalho, no entender de Jorda (1999), é o *homem-sistema*.

Muito do que é discutido sobre a crise do fordismo, do surgimento de uma outra forma de organização produtiva, baseia-se na superação do paradigma *energético*. Isso, de acordo com Rabinbach (1992), faz com que o estatuto do corpo no trabalho, e a dependência do trabalho em relação ao corpo seja revista: “[...] comunicação é o *slogan* do dia, não a racionalização do corpo. Trabalho físico não

mais ocupa a posição no pensamento social que ele uma vez ocupara no universo perceptivo do século XIX" (p. 295). A centralidade do corpo no processo de trabalho vista pela figura do *motor humano* corporal, é fortemente criticada.

Nesse processo de "intelectualização", que implica a "incorporação" das transformações tecnológicas, Sey (1999) observa a existência de um posicionamento altamente favorável e um outro totalmente contrário e pessimista ante as transformações que ocorrem. No primeiro, percebe-se a defesa de que as novas tecnologias possibilitam um aumento na quantidade e velocidade de transformações que transcendem a limitada materialidade corporal humana, dando ao ser humano uma liberdade nunca antes exercida e pondo em xeque, também, a própria noção de identidade, personalidade e liberdade. No pólo oposto, estão as idéias que abominam as transformações tecnológicas em curso, tais como as de Virílio (1999), atendo-se a uma essencialidade humana que estaria sendo violentada pelo apego à virtualização dos seres humanos.

Há também, no seio dos estudos sobre informação e cognição, uma tendência em corporificar a inteligência, ligando o corpo com a viabilização e, até mesmo, com a condição do comportamento inteligente. A busca de uma corporificação da inteligência é um dos recursos mais utilizados para verificar a insuperabilidade do corpo no interior das novas tecnologias e, também, como metáfora explicativa das questões relativas ao trabalho.

É com esse desenvolvimento das questões do trabalho, atrelado aos desenvolvimentos tecnológicos e com diferentes imagens de homem trabalhador, mulher trabalhadora, corpo e inteligência que se observa como o relacionamento entre corpo e trabalho é pleno em mediações e que o fato de a exigência física das rotinas laborais, as mais avançadas, ter mudado qualitativa e quantitativamente não dispensa a análise da referida relação.

## CORPO E TRABALHO A PARTIR DA DÉCADA DE 1970

### A presença-ausente do corpo na organização

Ao mesmo tempo em que a temática do corpo no trabalho é secundarizada, há, no esteio do mesmo processo, um "reavivamento" desse debate, que se apresenta como possuidor de um caráter crítico em relação ao passado. Essa idéia, ora apresenta o corpo como um ponto a mais para o aumento da produtividade em rotinas de trabalho marcadas pela intelectualização dos processos, ora como um apoio para um processo de humanização do trabalho.

Há um grupo de estudos, geralmente produzidos a partir da década de 1990, em que pesquisadores, preocupados com as questões da *administração de*

empresas e com a *sociologia do corpo*, se debruçam sobre os relacionamentos e múltiplos impactos estabelecidos entre a organização e o corpo. Um desses estudos é a coletânea organizada por Hassard, Holliday e Willmott (2000). Um dos pontos presentes nos artigos é a necessidade de encontrar uma forma de “corporificar” os estudos sobre administração que vá além da atual preocupação com a saúde ou a estética corporal que, segundo Lennie (2000), é simplesmente mais uma manifestação do “pensamento descorporificado” (p. 136).

Dale (2001) trata de uma “presença-ausente” quando a questão do corpo é tematizada nos estudos organizacionais. Ela define duas maneiras como isso acontece:

O corpo é presente em dois modos implícitos. O primeiro corpo implícito é aquele dos indivíduos membros das organizações. O segundo é o corpo como um organismo biológico, que vai construir a imagem dominante da disciplina de organização como uma entidade distinta. A ausência do corpo tem dois lados também. Em relação com o primeiro corpo implícito, o sujeito individual, o corpo desapareceu de baixo do peso da tradição dualista mente-corpo que tem valor central, significando valor, significado e conhecimento na mente e largamente liberado do corpo [...] mero material... (p. 20).

Endossando a “presença-ausente” do corpo no atual mundo do trabalho, Yanarella e Reid (1996) verificam como o termo *humanware* vem ganhando notoriedade e importância, tanto prática quanto teórica. Uma das manifestações desse processo é a execução, por parte das empresas, de treinamentos fora do local de trabalho, envolvendo acampamentos, esportes radicais, culturismo corporal, atividades esportivas coletivas, tudo no sentido de arregimentar e desenvolver o *humanware* de uma determinada organização. Os autores terminam clamando para a necessidade de buscar formas realmente efetivas de focalizar o trabalhador e seu corpo. Essa não-observância da dimensão corporal no interior das correntes transformações, ou a sua abordagem de forma insatisfatória: “[...] prolonga a crise do fordismo, proliferando conceitos de sujeito trabalhador, formação ao trabalho e de habilidades entre fordismo e pós-fordismo que camuflam seus auspícios corporais” (YANARELLA; RAID, 1996, p. 215).

Shilling (2005) coloca uma outra conseqüência desses fatos. No interior das mudanças em curso, a construção da identidade acaba por passar de forma ainda mais intensa pela questão do trabalho e do corpo. Isso se dá justamente na conta do enfraquecimento dos limites entre o trabalho assalariado e o cotidiano *trabalho sobre o corpo* de cada trabalhador, devendo isso ser entendido como a preocupação relacionada à sua aparência, à sua motivação e às condições de resolver os problemas colocados pelas diferentes rotinas de trabalho. Ou seja, hoje, além de

o corpo continuar sendo a fonte do trabalho assalariado, no interior dos ajustes “pós-fordistas”, ele acaba sendo ainda mais requisitado.

### O corpo como base da inteligência

Concomitantemente a essa valorização do corpo nos processos de trabalho que objetiva evidenciar os prejuízos que o “excesso” de racionalismo proporciona e proporcionou à organização, há estudos que buscam relacionar o desempenho intelectual do trabalho como indissociavelmente ligado à base corporal. Se os estudos apresentados anteriormente visualizam no corpo uma “presença-ausente” não só na atualidade, mas também no passado das rotinas do trabalho, há um outro grupo de estudos que começa a notar a necessidade de encarar o corpo como base dos processos de análise e tomada de decisões que ocorrem na produção, principalmente naquelas estruturas produtivas que são normalmente vistas ou como libertadoras ou dispensadoras do corpo: as montagens microeletrônicas.

A base dessas idéias é a discussão que ocorre sobre as possibilidades e limites da *inteligência artificial*. Em meio às discussões sobre a existência ou não de especificidades humanas insuperáveis pela máquina, notamos o surgimento desse mesmo debate nos processos produtivos. Um dos méritos dos estudos de Wood (1987) é a tentativa de desenvolver esse debate na década de 1980. Como resultado, os estudos dos processos de trabalho e da sociologia do trabalho começaram a rever alguns de seus preceitos para oferecer esquemas explicativos vistos como mais condizentes com a configuração que a nova situação apresentava.

No interior desse debate sobre o poder de formalização e controle da força de trabalho pela gerência, baseado no incremento tecnológico, é que surge a discussão sobre os *saberes tácitos ou inteligência prática* do trabalhador. A distância entre a criação tecnológica, o manuseio produtivo dessa tecnologia e os limites das tecnologias sanados pelo trabalho humano apresentam como preocupação a análise do que poderíamos chamar de “parte informalizável” do trabalho. Essa “parte informalizável” é materializada em uma inteligência de grande relevância para o processo produtivo, mas dificilmente transmitida pela linguagem por estar conectada com as experiências pessoais e idiossincráticas de cada trabalhador, possuindo como *locus* a corporeidade.

Dejours (1993) é um dos autores que defendem a necessidade de buscar uma visão mais complexa sobre o relacionamento entre corpo, inteligência e as atividades de trabalho mediado pela tecnologia flexível. A primeira observação feita pelo autor, depois de anunciar essa intenção, é: a principal característica da “[...] inteligência prática é, do ponto de vista psíquico, estar fundamentalmente enraizada no corpo”

(p. 285). Conseqüentemente, complementa o autor: “Este envolvimento do corpo na tarefa, assim como a primazia da percepção, coloca a inteligência prática, tanto em seu desencadear quanto em sua intencionalidade, numa temporalidade atual que somente a fenomenologia permite captar e comentar” (p. 285-286).

Na mesma linha, Böhle e Milkau (1998) possuem como base conceitual o que eles chamam de *atividade subjetivante*, podendo ela ser entendida como o envolvimento individual na realização das mais variadas tarefas e que está intimamente conectada com a construção de uma auto-imagem perante o mundo. O que os autores defendem é que no interior dos processos produtivos, mesmo os mediados pela tecnologia microeletrônica, essa *atividade subjetivante* está presente, sendo necessário investigar as formas com as quais ela se apresenta.

Zuboff (1988) acredita que a discussão sobre as novas exigências do mundo do trabalho pode ser entendida na revisão da presença corporal do trabalho que, até então, é visto como fonte tanto de esforço, quanto das diferentes habilidades. A discussão de Zuboff (1988) relaciona a presença corporal com a questão do *conhecimento tácito* e não somente como a questão energética, não significando que o corpo seja posto de lado, mas, sim, questionado: é a passagem do *corpo-motor* ao *corpo-informação*.

Por fim, caminhando no mesmo sentido das análises apresentadas, mas avançando pela consideração de questões históricas e políticas mais amplas, está a abordagem desenvolvida sobre o corpo no trabalho apresentada por Negri e Hardt (2000). Tendo como base o conceito e *biopoder*, os autores diagnosticam que a imaterialidade no trabalho “engloba a produção e manipulação do afeto e requer – virtualmente ou realmente – o contato humano: é o trabalho em *modo corporal*” (p. 358).

Para Negri e Hardt (2000), a análise do *General intellect* demandado pelas novas configurações produtivas não se pode basear excessivamente em questões intelectuais, negligenciando as questões corporais tocadas pelo *biopoder*, tidas como “centrais”. Após essas ponderações, os autores afirmam que nas novas configurações produtivas do capitalismo, além de uma estrutura que dá mais espaço para uma percepção menos racionalizante do corpo, estaríamos já vivenciando um “comunismo espontâneo e elementar” (p. 359).

## CONCLUSÕES

A aproximação entre corpo e trabalho deve ser feita com cuidado. Caso contrário, mesmo a aproximação acarretaria conclusões que tradicionalmente as

deixavam afastadas, ou acabaria dando margens para inferências que não colaborariam para um aprofundamento de ambas as temáticas.

Essa discussão e a possibilidade de aprofundamento foram construídas tomando como base o mundo industrial e a forma como o corpo assumiu a “centralidade” no processo de discussão para criação e desenvolvimento tanto das ciências do trabalho, quanto das práticas tayloristas e fordistas. Observamos que a importância do *motor humano*, muito mais que um mero resultado da observação neutra de cientistas, era a manifestação do limite com que o fenômeno fora analisado no interior da luta pela construção da forma industrial de trabalho.

O mesmo processo pôde ser visualizado nas décadas de 1950, 1960 e 1970, em que considerar o ser humano como uma manifestação das leis termodinâmicas perde espaço, passando ele a ser pesquisado e entendido como meio de informação ou como o resultado da própria informação. Se no momento anterior analisar o corpo era um dos pontos de partida para a resolução dos problemas, a análise da inteligência, da cognição e da capacidade tecnológica de formalizar esses atributos tornou-se o grande ponto explicativo dos dilemas que afligiam a questão produtiva.

Em que pese o fato de Dejours (1993), Böhle e Milkau (1998) e Zuboff (1988) oferecerem as bases para pensar o corpo no trabalho também como elemento fundamental da capacidade intelectual, um dos resultados mais flagrantes desses estudos é o de uma romantização das novas rotinas do trabalho que se expressa em denominações desde as mais correntes como “sociedade do conhecimento” (mesmo que seja um conhecimento “corporificado”), chegando aos discursos que começam a enxergar uma humanização do capitalismo, ou como defendem Negri e Hardt (2000), o nascimento espontâneo de uma sociedade comunista.

Ao observarmos novas formas de trabalho, que possibilitaram a realização deste estudo em razão das flutuações na forma de entender o corpo e a inteligência nas diferentes organizações produtivas, não negligenciamos que configurações de trabalho as mais remotas e “atrasadas” são mantidas, fazendo com que o capitalismo combine, também, várias considerações sobre o corpo no trabalho. Assim, a visão do corpo como motor, que fora fruto da limitação produtiva e teórica de uma determinada época, continua ainda com o relativo poder explicativo que possuía e ainda está presente nas análises, sendo ela que orienta a desconsideração da corporeidade nos estudos sobre o trabalho, em tempos de “trabalho inteligente”. Entretanto, essa representação convive com formas diferenciadas de entendimento de corpo no trabalho, que ora o vêem como ultrapassado pela cognição, ora o consideram como base do comportamento inteligente, e estudam a inteligência operária por meio dele. Ainda que numericamente minoritárias tais formas condi-

cionam novas compreensões sobre o corpo no interior dos processos produtivos por representarem a fase produtiva mais avançada.

Essa combinação entre diferentes configurações produtivas e a análise dessa concatenação configura-se em um ponto extremamente relevante para entender os limites e as possibilidades do trabalho humano ante os variados artefatos tecnológicos, as conseqüências que eles trazem para o exercício do trabalho e os processos formativos que o sustentam. Da mesma maneira, a forma como essas novas compreensões do corpo no trabalho atinge outras dimensões sociais que não a produtiva é uma possibilidade de pesquisa a ser desenvolvida.

A necessidade de aprofundar o estudo dos relacionamentos entre corpo e trabalho na atualidade é possível de ser vista no impasse que se sustenta no jogo entre aceitação e recusa das visões dicotômicas sobre o trabalho humano: ao assumir a dicotomia entre corpo e inteligência, a relevância da corporeidade nos processos de trabalho da atualidade é negada. Em contrapartida, quando se questiona as visões dualistas e a corporeidade ganha a atenção dos especialistas do trabalho, a conseqüência mais visível é a defesa de que hoje as formas de trabalho do capitalismo ganham características mais humanas e autênticas, se comparadas ao capitalismo industrial do século XIX.

Com isso, tanto a negligência de estudar o corpo nos processos de trabalho, assim como as primeiras análises que começam a surgir, devem ser problematizadas. Da mesma maneira com que sua valorização no final do século XIX ocorrera, o apressado “adeus ao corpo” (LE BRETON, 2003) nos processos produtivos atuais ou os esforços de construir uma “organização corporificada”, longe de serem meros resultados dos avanços da tecnologia informática, das ciências cognitivas e do potencial produtivo que eles ensejam, é conseqüência, também, das transformações políticas e sociais que tocam as estruturas produtivas. O descuido em relação ao estudo das relações entre corpo e trabalho dificulta, dessa maneira, uma maior compreensão das transformações culturais, das novas configurações dos embates políticos e dos dilemas econômicos que têm lugar no capitalismo hodierno.

From body-motor to body-information:  
corporeality and labour in capitalism

*ABSTRACT: The aim of this study is to emphasize the role played by the research on the relationship between body and labor. Having as basis the view which specifies that current ways used to understand this relationship put body and intelligence dichotomically, we chose to approach the issue, studying it in three different moments: 1) end of 19<sup>th</sup> century and beginning of 20<sup>th</sup>; 2) in the fifties, sixties and seventies and 3) from seventies on. As result, we could verify*

that the body, initially seen as motor or energy, become regarded as information and/other intelligence. It is important to observe, that the dichotomy between body and intelligence ends up to be criticized for some specialists on labor that see the laboring body as basis to the decisions making processes requested in micro-electronics plants. Despite the relevance of these studies, some conclusions held by these authors are refused, because they give reasons to think that nowadays, there would be space for a more human and authentic labor.

KEY WORDS: Body; labor; intelligence; capitalism.

## Del cuerpo motor al cuerpo información: corporeidad y trabajo en el capitalismo

**RESUMEN:** El objetivo de este estudio es endosar la importancia del estudio de las relaciones entre cuerpo y trabajo. Teniendo por base la constatación que las formas corrientes de entenderse esa relación se dan al poner dicotómicamente cuerpo e inteligencia, optamos por hacer un abordaje de la cuestión en tres momentos: 1) al final del siglo XIX e inicio del XX; 2) en las décadas de 1950, 1960, 1970 y 3) a partir de 1970 hasta los días actuales. Como resultado, verificamos que hay el pasaje del cuerpo considerado como motor y/o energía, para el cuerpo considerado como información y/o inteligencia. Interesante verificar también, que en ese trayecto, la dicotomía entre cuerpo e inteligencia acaba por ser cuestionada por algunos teóricos que ven en el cuerpo trabajador la base para los procesos decisorios exigidos en montajes microelectrónicos. A pesar de la importancia de esos estudios, refutamos algunas conclusiones de esos autores, que al cuestionar la dicotomía cuerpo e inteligencia, dan márgenes para pensarse que en las configuraciones productivas del capitalismo empezaría a surgir el espacio para un trabajo corporalmente humano y auténtico.

**PALABRAS CLAVES:** Cuerpo; trabajo; inteligencia; capitalismo.

## REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, J. *L'échange impossible*. Paris: Éditions Galilée, 1999.

BÖHLE, F.; MILKAU, B. *De la manivelle à l'écran: l'évolution de l'expérience sensible des ouvriers lors des changements technologiques*. Paris: Editions Eyrolles, 1998.

COLLINS, H. *Experts artificiels: machines intelligentes et savoir social*. Paris: Éditions du Seuil, 1992.

DALE, K. *Anatomising embodiment and organization theory*. London: Palgrave, 2001.

DEJOURS, C. Inteligência operária e organização do trabalho: a propósito do modelo japonês de produção. In: HIRATA, H. (Org.). *Sobre o "modelo" japonês: automatização, novas formas de organização e de relações de trabalho*. São Paulo: Edusp, 1993.

DREYFUS, H.; DREYFUS, S. *Mind over machine: the power of human intuition and expertise in the era of the computer*. New York: The Free Press, 1986.

- EAGLETON, T. *As ilusões do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- HASSARD, J.; HOLLIDAY, R.; WILLMOTT, H. (Orgs.). *Body and organization*. London: Sage Publications, 2000.
- HERZBERG, F. *The motivation to work*. Rutgers: Transaction Publisher, 1993.
- JORDA, H. *Travail et discipline: de la manufacture à l'entreprise intelligente*. Paris: Éditions l'Harmattan, 1999.
- LE BRETON, D. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. São Paulo: Papirus, 2003.
- LEE, L. Y. *Dialectics of the body: corporeality in the works of Theodor W. Adorno*. Dissertation (Doctorate of Philosophy) – Duke University, Durham, 1999.
- LENNIE, I. Embodying management. In: HASSARD, J.; HOLLIDAY, R.; WILLMOTT, H. (Orgs.). *Body and organization*. London: Sage Publications. 2000. p.130-146.
- MANOVICH, L. *The enginering of vision from constructivism of MIT*. 1993. Disponível em: <<http://www.manovich.net>> . Acesso em: 30 maio 2005.
- MASLOW, A. *Motivation and personality*. New York: HarperCollins Publishers, 1987.
- MCNALLY, D. *Bodies of meaning*. Studies on language, labor and liberation. Albany: State University of New York Press, 2001.
- NEGRI, A.; HARDT, M. *Empire*. Paris: Exils Éditeur, 2000.
- RABINBACH, A. *The human motor: energy, fatigue and the origins of modernity*. Los Angeles: University of California Press, 1992.
- SELTZER, M. *Bodies and machines*. New York/London: Routledge, 1992.
- SEY, J. The labouring body and the posthuman. In: GORDO-LÓPEZ, A.; PARKER, I. (Orgs.). *Cyberpsychology*. New York: Routledge. 1999. p. 25-41.
- SHILLING, C. *The body in culture, technology and society*. London: Sage Publications, 2005.
- VATIN, F. *Le travail, sciences et société: essais d'épistémologie et de sociologie du travail*. Bruxelles: Editions de l'Université de Bruxelles, 1999.
- VIRÍLIO, P. *A bomba informática*. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.
- YANARELLA, E.; REID, H. From “trained gorilla” to “humanware”: repoliticizing the body-machine complex between the fordism and post-fordism. In: SCHATZKI, T.; NATTER, W. (Orgs.). *The social and political body*. New York/London: The Guilford Press, 1996. p. 181-219.
- ZUBOFF, S. *In the age of the smart machine – the future of work and power*. New York: Basic Books, 1988.

WOOD, S. The deskilling debate, new technology and work organization. *Acta sociologica*, v. 30, n. 1, p. 3-24, 1987.

Recebido: 20 jun. 2008

Aprovado: 19 ago. 2008

Endereço para correspondência

Carlos Herold Junior

R. Vicente Machado, 1.530, ap. 802 – Centro

Guarapuava-PR

CEP 85010-260